O discurso da teoria da linguagem: Uma abordagem SEMIÓTICA

ANTONIO V. S. PIETROFORTE*

Por uma Teoria de uma Teoria de Linguagem

A ciência e seu discurso, como é comum com quase todas as formas de conhecimento atuais, encontra-se no que poderíamos chamar de uma crise. É interessante notar que a Semiótica do texto, que nasceu para estudar a construção semântica da significação, acabou por inaugurar sua destruição referencial na medida em que pôs em relevo a artificiosidade retórica deste mesmo sentido que tentara explicar. A Semiótica do Texto, se pode ser eleita enquanto uma teoria poderosa que se dedica ao objeto textual, pode também ser acusada por ter desnudado o seu objeto enquanto mera composição. Ao levar o texto a sério, a Semiótica nos obriga a não mais levar o texto a sério. Por incrível que possa parecer, o técnico nos levou ao lúdico no momento em que o lógico foi substituído pelo arquitetural e a verdade pela verossimilhança. Estudar o texto se tornou o estudo de seus encaixes artísticos, ora para desvendá-los como "belos", ora para denunciá-los como "feios".

Os estudos da linguagem sempre tiveram em sua raiz o limite de se falar de algo com aquele algo que se pretende focalizar. Um tratado de Linguística ou ciências afins é como se falar de música usando a música, e os músicos sabem que isto é perfeitamente possível, basta ser um bom músico no segundo caso assim como ser um bom lingüista no primeiro. E ser um bom

lingüista é, e a Semiótica pode provar o que eu digo, saber articular de modo argumentativo uma boa teoria. Escolher, por exemplo, entre Barthes e Greimas, é antes de tudo uma questão de gosto, não resta dúvida que ambos sabem muito bem construir seus textos com verossimilhanças impecáveis. É como, até certo ponto, escolher entre Wagner e Brahms. No caso dos estudiosos da linguagem, o artístico decidirá sobre o técnico; no caso dos músicos, o técnico decidirá sobre o artístico. Que fique bem claro que os liames entre a técnica e a arte são mais próximos do que se poderia acreditar; em sua retórica Aristóteles a entendia como uma Τεχνη, como uma arte.

A construção de uma metalinguagem passa no mínimo por dois crivos: um da arte retórica daquele que construirá seu texto e aqui entra o poder da sua criatividade artística; outro do objeto a ser modelado, dos limites que a língua impõe a todo aquele que pretende falar da língua usando a língua. Todo bom escultor sabe que a estátua de um anjo não pode voar, mas também sabe que os anjos voam.

A Linguística e a Teoria da Linguagem são uma língua que fala de uma língua, é o que Hjelmslev chamou de metalinguagem, e falar de linguística e das teorias da linguagem é usar da língua para falar da língua que fala da língua, é uma metalinguagem ao quadrado. Mas, a partir daí, como escapar de uma possível língua que fala da língua que fala da língua que fala da lín-

ia? Haja arte, haja técnica e sobretudo, haja retórica!

Os atuais estudos semióticos acabaram por, no momento em que resolveram estudar o discurso científico semioticamente, resolver nosso problema do parágrafo anterior. A semiótica estuda os discursos, o discurso científico é um tipo de discurso, logo a Semiótica pode estudar o discurso científico; mas a Semiótica é uma ciência, logo é discurso científico, logo a Semiótica pode usar a semiótica para estudar a si mesma. Resolvendo o problema da metalinguagem, *ad infinitum*, a Semiótica trouxe à baila o problema da própria linguagem e os seus limites quando usada para falar de si própria: ela abriu uma porta e revelou a fechadura de uma outra porta que talvez nunca possa ser aberta.

A teoria de uma teoria da linguagem existe no momento em que se elabora uma primeira teoria da linguagem, ela não poderá escapar dos limites que a própria linguagem impõe no seu primeiro nível de estrutura metalingüística. A primeira teoria da linguagem, a primeira metalinguagem deverá, ao falar da linguagem, falar automaticamente de si mesma, já que antes da *meta é linguagem*; portanto toda metalinguagem é metalinguagem de si mesma. É um círculo vicioso técnico que só pode ser rompido, ou retoricamente rompido, artisticamente. É o que fez Greimas ao elaborar uma ciência que irremediavelmente falará de si mesma denunciando-a como retórica; é o que fez Barthes a dizer que a língua é fascista, mas não tão fascista a ponto de não permitir sua denúncia enquanto tal.

Teorias da Linguagem X Teoria da Linguagem

Está longe de ser novidade dizer que outras culturas pensaram sobre a linguagem. Em seu trabalho sobre as Teorias do Símbolo Todorov nos dá um relato bem minucioso desse tipo de tendência especulativa. A função desse tipo de pensamento é que é interessante destacar, e será por detrás dessa função que poderemos falar de uma possível unidade da diversidade teórica em questão.

Quando Aristóteles se dispôs a descrever a arte retórica, havia lá uma suposta intenção

propedêutica. Ele realmente nos ensina, com suas próprias palavras, a influir nos ânimos dos juízes. Da definição de retórica como a arte de argumentar, de persuadir, à teoria das paixões exposta na obra, a intenção é sempre a mesma: a tal influência, extremamente útil no contexto grego de sua época. Mas mesmo tendo uma meta pragmática específica e de época, a retórica teve de ser descrita.

Quando Santo Agostinho desenvolve toda uma teoria do simbolismo universal e faz uma tipologia do signo, a intenção doutrinal e exegética relativa à doutrina cristã é determinante, é a sua meta pragmática, também específica e de época, mas a descrição foi feita.

Das teorias iluministas às românticas o processo foi semelhante. Havia uma ideologia a ser definida e defendida pragmaticamente, e havia um modelo a ser desenvolvido apesar desse pragmatismo e, ao mesmo tempo, por causa dele.

Com a mentalidade científica contemporânea ocorre o mesmo, há uma busca de saber ideologicamente definida como neutra, e os modelos são construídos apesar e por causa desse pragmatismo.

Um exercício de imaginação interessante seria tentar deslocar todos estes modelos semi-lingüísticos de seus respectivos contextos e limpá-los do que eles têm de pragmático, resguardando apenas o lado teórico. Imaginação que deverá ser desenvolvida, já que teremos de nos lembrar, e ao mesmo tempo nos esquecer, que tal comportamento será teórico, apesar de, ao mesmo tempo, pragmático e ideologicamente determinado.

Feita essa ressalva, veremos que a diferença entre as teorias da linguagem está mais nos teóricos que propriamente nelas mesmas. Evidentemente há contrastes, mas há semelhanças, e é justamente através delas que podemos falar e supor uma teoria da linguagem.

Quer queiramos ou não, aqui esbarraremos em uma metafísica da língua que, em última instância, irá arranhar uma metafísica do próprio conceito de teoria. Mas não queremos ir tão longe, queremos apenas sugerir que provavelmente o discurso da teoria da linguagem, que irá se manifestar nos discursos dos teóricos da linguagem, pode ser estudado em dois níveis

básicos: um primeiro que chamaremos de *teórico*, ocupado com a construção de um modelo; e um segundo que chamaremos de *pragmático*, ocupado com a função deste modelo.

No nível teórico se desenha uma espécie de gramática deste discurso, há aí um algoritmo metodológico baseado na segmentação, no contraste e na tipologização do objeto estudado; e no nível pragmático se desenha uma espécie de semântica, onde as operações do nível teórico ganham sentido e direção ideológica.

Podemos aqui construir um quadrado semiótico:

Onde:

G = Gramaticalidade teórica

$\bar{G}$ = Agramaticalidade teórica

S = Semânticidade pragmática

$\bar{S}$ = Assemânticidade pragmática

G+S = Discurso da teoria da linguagem

$\bar{G}+\bar{S}$ = Discurso de uma não teoria da linguagem

$G+\bar{S}$ = Nível teórico, gramática sem conteúdo

$\bar{G}+S$ = Nível pragmático virtual, sem gramática teórica

$\bar{S} \rightarrow S$ = Produção pragmática, o conteúdo se atualiza e ganha sentido de época e ideológico

$\bar{G} \rightarrow G$ = Verificação teórica, o modelo básico é reivindicado como suporte argumentativo

A partir desta estrutura fundamental, dado que ela esteja correta, o discurso do teórico da linguagem será identificado enquanto teoria da linguagem.

Saussure e a Índia: onde a serpente morde a cauda

Quando falamos de Greimas, não podemos

nos esquecer de Propp e de Hjelmslev, sendo o primeiro a fonte do método e o segundo a fonte do objeto da Semiótica. Não será errado dizer que a teoria semiótica do texto é o estudo da função semiótica (na teoria de Hjelmslev) no signo textual. Mas, ao falarmos de Hjelmslev, temos de falar de Saussure, e por mais que isto não seja novidade, as bases metodológicas e epistemológicas da linguística moderna estão centradas em suas teorias, diga-se de passagem não esboçadas formalmente, devendo sua sistematização aos seus alunos.

Saussure foi professor de Sânscrito, e grande parte do Curso de Linguística Geral trata do que ele mesmo chamou de diacronia, estudo para o qual tal registro de língua foi fundamental.

Mas um registro só o é enquanto suporte de um texto, e se nos detivermos neste último, o ponto de vista diacrônico poderá ser trocado pelo ponto de vista semiótico, e aí teremos um outro objeto.

É possível, ou quase certo, que Saussure teve acesso ao que reconhecemos hoje como Teorias da Linguagem da Índia antiga, e elas se demonstram em sua maioria em uma coletânea de textos chamados Vedanga, literalmente "o anexo", o auxiliar dos Vedas, que era dividido em cinco áreas de desenvolvimento: o Kalpa, que cuidava do "cerimonial"; a Jyotsā, que cuidava da "astronomia"; a Çikṣā, que cuidava da "fonética"; o Chandas da "métrica"; o Nirukta que cuidava da "etmologia", "semântica"; e o Vyākāraṇa, que cuidava da gramática. As aspas quanto aos objetos de aplicação são uma precaução contra uma possível contaminação entre os nossos termos e os deles, inevitável mas desculpável perante a ressalva.

O que nos interessa aqui são as quatro últimas aplicações. Fica evidente, quando tomamos contato com estes documentos, uma intenção pragmática de época, que inclusive varia de texto para texto, mas paralela a esta intenção, existe a intenção teórica, onde um objeto é definido e determinado sob um ponto de vista, e é aqui que podemos falar em Teoria da Linguagem.

Quando nos detemos em um texto da Çikṣā e podemos dizer que há ali um pensamento

fonológico, com uma descrição que sugere um pensamento por femas; quando nos detemos em um texto de Nirukta e podemos dizer que há ali um pensamento semântico, envolvendo aproximações analógicas entre domínios de experiência conectos e intersectos; quando nos detemos em um texto do Vyākāraṇa e podemos dizer que há ali um pensamento não apenas de gramática normativa, mas de gramática descritiva, envolvendo descrições diatópicas, diastráticas e diafrásicas; quando fazemos tudo isto, não estamos achatando teorias, as estamos aproximando, e na medida em que entre as teorias da linguagem na Índia antiga e a linguística moderna existe uma conexão histórica chamada Ferdinand Saussure, fundador desta linguística moderna, e professor de Sânscrito, registro linguístico em que aqueles textos foram falados, a aproximação pode ganhar constatação biográfica.

Não que Saussure seja um plagiador, isto não tem sentido nem enquanto suspeita pessoal, mas além de uma possível influência, podemos falar de uma confluência teórica. É lógico que entre Panini e Saussure, no que definimos como nível pragmático do discurso da teoria da linguagem, há pouco o que se dizer e muito o que se especular; mas em nosso nível teórico a relação se inverte, há aí muito o que se dizer e pouco o que se especular. Onde há teórico indiano X teórico genebrino, há a teoria a ser lida, e não intenção, na melhor das intenções a ser imaginada.

Entre a linguística moderna e as teorias da linguagem na Índia antiga, além de Aristóteles, Santo Agostinho, Condillac, além de Saussure e Panini, há a teoria da linguagem e além dela há a própria linguagem, suporte e aporte tanto dos teóricos quanto da própria teoria e seu discurso. Há confluência de modelos na medida em que há uma influência do objeto sobre o qual estes modelos são pensados.

Quando a serpente se devora a si mesma em um antigo símbolo religioso, na medida em que ela se destrói ela se alimenta, ou seja, ela se constrói. A teoria da linguagem faz um pouco isso quando existe como discurso. Enquanto em sua história, onde a influência existe gerando influência em sua construção como uma disciplina, em seu discurso essencial, naquilo mesmo que a define enquanto tal teoria, fica apenas a própria linguagem, obrigada a se decompor quando olha para si mesma, e é aí que ela se denuncia na destruição metalinguística de uma construção linguística. O discurso da teoria da linguagem é obrigado a se alimentar da destruição do objeto no qual ele mesmo se produz, e no mesmo lugar onde ele se faz ele se desfaz. **M**

BIBLIOGRAFIA

- GREIMAS, A.J. - *Semiótica e ciências sociais*. SP, Cultrix.
SAUSSURE, F. - *Curso de linguística geral*. SP, Cultrix
TODOROV. - *Teoria do símbolo*. Edições 70.

* Mestrando em linguística FFLCH/USP.